

O bibliotecário e a biblioterapia na percepção de Clarice Fortkamp Caldin

The Librarian and Bibliotherapy in the Perspective of Clarice Fortkamp Caldin

Rosane Suely Alvares Lunardelli ¹

Renata Alves Feitosa da Silva ²

Pamela Oliveira Assis ³

Sueli Bortolin ⁴

RESUMO

A biblioterapia tem sido abordada, nas últimas décadas, como tema recorrente na Ciência da Informação. Neste trabalho, ela é compreendida como um conjunto de atividades realizadas com o intuito de suscitar emoções e abrandar sofrimentos e inquietações, por meio da promoção de um espaço de escuta sensível e empática. Para isso, utiliza como estratégias comunicativas a narração e a leitura de textos literários e não literários, bem como outras formas de expressão, como a música. O objetivo deste estudo foi investigar a produção bibliográfica brasileira sobre o tema, produzida por profissionais e/ou pesquisadores da área, colocando em evidência a contribuição e a perspectiva de Clarice Fortkamp Caldin. Do ponto de vista metodológico, adota-se a abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório. A pesquisa documental teve início com a análise do Currículo Lattes da pesquisadora, e o instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário com 13 questões, encaminhado à própria Caldin, organizadas em três blocos temáticos: *Vivências de Clarice Fortkamp Caldin*; *Biblioterapia e atuação do(a) bibliotecário(a)*; e *Biblioterapia e formação do(a) bibliotecário(a)*. Conclui-se que é necessário aos profissionais que atuam com biblioterapia, nesse caso a pessoa bibliotecária, apropriar-se das reflexões teóricas de pesquisadores experientes, especialmente no que diz respeito à importância da composição de equipes multidisciplinares, tanto em espaços públicos quanto privados, uma vez que a cultura de estabelecimento de parcerias tende a produzir resultados mais consistentes e eficazes.

Palavras-chave: Biblioterapia; Biblioteconomia; Clarice Fortkamp Caldin; Pessoa bibliotecária.

ABSTRACT

Bibliotherapy has been addressed, over recent decades, as a recurring theme in Information Science. In this study, it is understood as a set of activities aimed at evoking emotions and alleviating suffering and distress, through the promotion of a space of sensitive and empathetic listening. To achieve this, it employs communicative

¹ Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5405-072X>. E-mail: lunardelli@uel.br.

² Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina. Assistente de biblioteca na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Londrina. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0000-2105-126X>. E-mail: renata.alves.feitosa@uel.br.

³ Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1453-5052>. E-mail: pamela.oliveira@outlook.com.

⁴ Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Marília. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Estadual de Londrina. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-7411-2716>. E-mail: bortolin@uel.br.



strategies such as storytelling and the reading of literary and non-literary texts, as well as other forms of expression, such as music. The objective of this study was to investigate Brazilian academic production on the subject, carried out by professionals and/or researchers in the field, highlighting the contribution and perspective of Clarice Fortkamp Caldin. Methodologically, a qualitative, descriptive-exploratory approach was adopted. The documentary research began with an analysis of the researcher's Lattes Curriculum, and data were collected through a questionnaire containing 13 questions, submitted directly to Caldin, organized into three thematic blocks: Experiences of Clarice Fortkamp Caldin; Bibliotherapy and the librarian's professional practice; and Bibliotherapy and the librarian's education and training. The study concludes that professionals working with bibliotherapy, in this case, librarians, must engage with the theoretical reflections of experienced researchers, particularly regarding the importance of forming multidisciplinary teams in both public and private settings, since a culture of establishing partnerships tends to produce more consistent and effective results.

Keywords: Bibliotherapy; Library Science; Clarice Fortkamp Caldin; Librarian.

Submetido em: 18 nov. 2025

Aceito em: 3 mar. 2026

1 INTRODUÇÃO

A literatura com seus textos literários é uma das mais importantes formas de comunicação artística da humanidade, uma vez que descortinam universos vivenciados ou imaginados por seus autores e leitores, proporcionando, além de momentos de fruição, reflexões e incorporações de novas experiências. Considerada como remédio para a alma, como afirma Karnal (2017, p. 9), a “Literatura de alto padrão e bem lida é um combate à infecção grave do nosso mundo doente e violento.” Levando em conta a contribuição da literatura para o conhecimento e reconhecimento de novas perspectivas a respeito das mais diferentes situações vividas pelo ser humano, evidenciamos a biblioterapia, isto é, um conjunto de atividades realizadas com o intuito de suscitar emoções, abrandar sofrimentos, inquietações, ao promover um espaço de escuta sensível e empática, utilizando como estratégia comunicativa, narrações ou leitura de livros, músicas, entre outras formas de expressões literárias e não literárias. Nas palavras de Caldin (2024, p. 190) biblioterapia é a “[...] terapia por meio das histórias registradas nos livros, fruto da oralidade resgatada de gerações passadas ou fruto da fértil imaginação de escritores”.

Na intenção de realizar uma retrospectiva histórica destacamos o pioneirismo da bibliotecária Marília Mesquita Guedes Pereira ao defender em 1989, na Universidade Federal da Paraíba, a dissertação de mestrado cujo título é: *A Biblioterapia em Instituições de Deficientes Visuais: um estudo de caso*. Em 1996, a editora da mesma instituição, publicou o livro *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. (Pereira, 1996)⁵ Após uma verificação cronológica constatamos que são 36 anos da defesa dessa pesquisa e 30 anos da publicação da primeira obra brasileira ter abordado a biblioterapia na área de Biblioteconomia.

Posteriormente, pessoas bibliotecárias e docentes de diferentes cursos de Biblioteconomia brasileiros⁶ tem se dedicado em pesquisar, divulgar e realizar ações voltadas a biblioterapia. Entre eles com maior produção está a Profa. Dra. Clarice Fortkamp Caldin, que atuou até julho de 2020 como Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Clarice Fortkamp Caldin é citada abundantemente nas comunicações acadêmicas, tornando-se assim referência nacional para os pesquisadores da Ciência da Informação (CI). Essa constatação foi evidenciada por Costa (2022) quando analisou a produção científica indexadas na BRAPCI sobre a Biblioterapia, no período 1975-2021. A pesquisadora desconsidera os autores com publicação única, e, utilizando princípios métricos estabelece a elite dessa temática, alcançando o seguinte resultado: “[...] a autora Clarice Fortkamp Caldin é responsável por 13 artigos, totalizando 32,4% dos 40 trabalhos da elite, enquanto, é responsável por 17,57% dos 74 artigos totais recuperados na base de dados (Costa, 2022, p. 81).

Pela sua trajetória e persistência em pesquisar essa temática, sua obra dialogou com várias gerações de estudantes em todos os níveis desde a graduação até a pós-graduação, e estes investigarem teorias e práticas biblioterapêuticas.

⁵ Livro disponível na Plataforma Slideshare - <https://pt.slideshare.net/slideshow/biblioterapia-maria/6830851#9>. Muitos anos depois, ela publica, em parceria com a bibliotecária e pedagoga especialista Danielle da Silva Pinheiro R. Wellichan, o artigo intitulado *Encantos e Encontros da biblioterapia para pessoas com deficiência visual*. com “[...] relatos de uma Bibliotecária Contadora em uma instituição especializada em DV, com o objetivo de apresentar a Biblioterapia enquanto prática em bibliotecas e instituições especializadas para pessoas com deficiência.” (Pereira; Wellichan, 2021, p.90).

⁶ No sítio Museu da Pessoa de São Paulo constam seis entrevistas com bibliotecárias brasileiras realizadas por Katty Anne de Souza Nunes, sendo elas: Clarice Fortkamp Caldin, Edna Gomes Pinheiro, Eny dos Santos Pires, Maria Aparecida Pardini (Cidinha), Marília Guedes Pereira e Nanci Gonçalves da Nóbrega (Museu da Pessoa, 2025).

Ministrou disciplinas e compôs diversas bancas de dissertações e teses. Publicou o livro *Biblioterapia: um cuidado com o ser* na Editora Porto de Idéias e se encontra na 2ª edição.

Nesse sentido, nossa questão de pesquisa é: quais os desafios enfrentados por Clarice Fortkamp Caldin ao pesquisar a biblioterapia e como ela percebe as atuais perspectivas acerca da temática?

Esse trabalho objetiva colocar em evidência a produção brasileira na temática respeito da biblioterapia realizada por pessoas bibliotecárias, em especial, a contribuição e o olhar de Clarice Fortkamp Caldin quanto a esse assunto. Ele se justifica pelas drásticas mudanças do mundo globalizado, exigindo que as pessoas bibliotecárias abandonem ações e procedimentos rotineiros, ditos tradicionais, e deixem de lado, o comportamento passivo, isto é, de um mero processador técnico de livros, para um agente ativo preparado para enfrentar as mudanças sociais (Caldin, 2005). Para tanto, esse profissional precisa valorizar tais ações, pois nos dias atuais a informação não está apenas nas prateleiras.

2 BIBLIOTERAPIA E A PESSOA BIBLIOTECÁRIA

A linguagem humana é dinâmica, ela se adequa as diferentes manifestações sociais acontecem; além disso é democrático permitir o uso das palavras do jeito que a pessoa queira e sem censura. Pesquisando a biblioterapia localizamos diferentes termos utilizados por pesquisadores na literatura científica ao abordar essa temática, dentre eles: livroterapia, contoterapia, biblioconselho, terapia literária, terapia da leitura, terapia poética, narrativa terapêutica, leitura terapêutica, narrativa dramatizada etc.⁷ No entanto, optamos em usar a palavra biblioterapia, pois ela consta na primeira obra publicada por uma pessoa bibliotecária no Brasil, e também por ser a palavra mais utilizada pelos pesquisadores dessa temática no campo da Biblioteconomia.

Ao recorrer à etimologia da palavra biblioterapia, é possível verificar sua origem nos termos gregos *biblion*, que significa livro, e *therapeia* e quer dizer terapia, tratamento. Desse modo, de maneira objetiva podemos entender a biblioterapia como uma terapia realizada com livros. Também encontramos outras definições para o termo na Introdução da obra *Biblioterapia*, de Marc-Alain Ouaknin (1996, p. 12), na

⁷ Termos identificados no decorrer das leituras para a construção dessa comunicação.

qual o autor inclui no *Webster International edição de 1961* a seguinte definição para biblioterapia: “[...] o uso de materiais de leitura selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria. Também: auxílio na solução de problemas por meio de leitura dirigida”. Em seguida o autor avalia ser essa uma definição restrita à Medicina e Psiquiatria e se dedica, nas 341 páginas do seu livro, a ampliar o conceito de biblioterapia entrelaçando-a a força da palavra e, principalmente do livro. O livro é um objeto plural não podendo ficar circunscrito a demarcação de fronteiras e num discurso metafórico, Ouaknin (1996, p. 182) solicita: “Permitamo-nos propor uma etimologia mais fantasiosa, mas mais sedutora. A palavra ‘livro’ vem de *liber*, palavra latina que quer dizer ‘livre’. Liberdade e liberação pelo livro!”.

Estimulados por essa perspectiva poética questionamos se a liberdade de ler e conversar sobre o que se lê já não é um ato de cura? Imaginamos que para Caldin (2024) sim, pois ela defende a biblioterapia como a terapia por meio das histórias registradas nos livros, o cuidado com o ser humano por intermédio da leitura.

Ainda refletindo acerca da compreensão da biblioterapia, identificamos que para Cohen (1994 *apud* Seitz, 2006, p. 18), a biblioterapia “[...] é o uso da literatura com a orientação ou intervenção de um terapeuta”. Recuperando um conceito mais atual, Cavalcante, Barreto e Souza (2020, p. 17) compartilham em seus estudos a seguinte ideia: “A biblioterapia faz emergir, por meios das palavras, a expressão de sentimentos, a aceitação de si, a superação de traumas e dores da alma”. Assim, a biblioterapia não possui um único conceito, variando em perspectiva e definição a partir de quem a estuda. Independentemente do conceito, percebe-se que a característica latente do cuidado. A biblioterapia permite ao sujeito uma reestruturação inter e intrapessoal, por meio da dialogia e dos diversos dispositivos informacionais com potência em auxiliar o processo introspectivo e de mudança.

Nesse sentido, cabe aos aplicadores de biblioterapia ter conhecimento aprofundado e específico sobre a temática antes de desenvolver ações, bem como a sensibilidade de conhecer o sujeito e suas singularidades, possibilitando uma escolha de dispositivos mais acertada.

Como a biblioterapia atende sujeitos em aflições diversas, compreendemos que essa ação requer uma práxis, técnica e equipes multidisciplinares, contando não apenas com a atuação da pessoa bibliotecária, mas também com psicólogo, assistente social, médicos, pedagogo, entre outros. Ao se tratar especificamente da

participação do bibliotecário é comum limitar a sua atuação apenas no momento da seleção do material; enquanto outros defendem a presença do bibliotecário também nas discussões, contanto que possuíssem uma capacitação além da graduação (Seitz, 2006). De acordo com essa perspectiva, acreditamos que a participação do bibliotecário na biblioterapia pode advir de frentes diversas sejam elas voltadas para conhecer o sujeito e suas necessidades, para a seleção dos dispositivos a serem utilizados, como no planejamento das atividades e, até mesmo, na condução do processo dialógico que cerca e fundamenta a biblioterapia. Infelizmente, é: “[...] notória a existência de um número reduzido de Cursos de Biblioteconomia que oferecem formação adequada às competências exigidas para o bibliotecário desenvolver práticas biblioterapêuticas.” (Silva; Pinheiro, 2008, p. 2).

Essa realidade também foi comprovada quando em pesquisa documental, realizada no decorrer do Trabalho de Conclusão de Curso, nos sites de 66 cursos no Brasil, apenas três (03) ofereciam

[...] a disciplina Biblioterapia, sendo que 02 [...] com o nome ‘Biblioterapia’ de forma optativa (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e Universidade Federal de Rondônia-UNIR, ambas de forma presencial) e 01 [...] com o nome ‘Introdução à Biblioterapia’ de forma obrigatória (Grieger, 2021 *apud* Grieger; Pizzaro, 2023, p.13).

Investigando a existência ou não de disciplinas abordando a Biblioterapia nos cursos de Biblioteconomia brasileiros, Grieger (2021 *apud* Grieger; Pizzaro, 2023, p.02) afirmam que foram encontrados “[...] 127 TCC’s, 41 artigos, 25 trabalhos em eventos, 4 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado [...] sobre o tema no período de 2001 a 2020.” Apesar do número expressivo de TCCs surpreenderem, eles reforçam os dados da pesquisa de 2021 que “[...] a Biblioterapia ainda é ausente na grande maioria dos cursos de graduação em Biblioteconomia.” (Grieger, 2021 *apud* Grieger; Pizzaro, 2023, p.14).

Os resultados apresentados demonstram a dificuldade dos cursos de Biblioteconomia de preparar a pessoa bibliotecária para atuar nos atos biblioterapêuticos, em especial, no sentido do desenvolvimento de competências e habilidades essenciais como as relacionadas à interação, escuta sensível e o acolhimento do sujeito.

Os cursos de Biblioteconomia precisam oferecer possibilidades no sentido de levar os discentes a desenvolver competências, além da perspectiva técnica, isto é,

expandir o foco para o lado humanista e social da profissão. Os bibliotecários trabalham com o processamento, tratamento e disseminação da informação, mas não apenas voltado para o sentido de organização, devem atender necessidades e propósitos dos sujeitos, pois são os usuários que movem a estrutura informacional.

Do mesmo modo, entendemos que o profissional interessado em atuar no campo da biblioterapia precisa procurar, por meios próprios, especializações e cursos voltados a essa perspectiva. Se essa necessidade for percebida ainda na graduação, será mais interessante, pois as demandas solicitadas por discentes também movimentam matrizes curriculares e instituições de ensino. Algumas mudanças, às vezes, surgem de pequenos incômodos e cobranças individuais, mas no decorrer tornar-se um chamado coletivo.

Em virtude do processo biblioterapêutico, como dito, requerer equipes multidisciplinares a Biblioteconomia, dependendo do espaço e dos sujeitos envolvidos, necessita buscar subsídios junto a profissionais oriundos das Letras, Educação, Psicologia, Enfermagem, Medicina, Terapia ocupacional entre outros.

Ao aplicador cabe compreender os limites de sua atuação. Para Caldin (2024) a biblioterapia é dividida em duas categorias: biblioterapia do desenvolvimento e biblioterapia clínica. A primeira realizada por bibliotecários, pedagogos e *amantes* da literatura, e a segunda é feita por psicólogos clínicos. A biblioterapia do desenvolvimento, foco principal desse estudo, em geral, utiliza textos literários, com conteúdo de ficção por meio de metáforas e personagens com características diferentes, permitindo uma alteração ou cocriação do texto. Para o alcance de nossa proposta os procedimentos metodológicos apresentados a seguir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Abordar biblioterapia é um desafio por estarmos lidando com uma abordagem social de uma temática ainda não efetivamente consolidada na CI. Optamos pela pesquisa qualitativa, de caráter descritivo. Segundo Flick (2009, p. 20) a pesquisa qualitativa é “[...] de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida.” Quanto ao caráter descritivo visou explorar o fenômeno com profundidade e as respostas da entrevistada foi crucial. Ao iniciar esse

estudo utilizamos a pesquisa documental e fizemos isso analisando o Currículo Lattes de Clarice Fortkamp Caldin.

A presente pesquisa foi estruturada da seguinte forma: **primeira etapa** constituiu a coleta de dados no Currículo Lattes, isto é, na base de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) da pesquisadora eleita para realizarmos a entrevista, isto é, Clarice Fortkamp Caldin.⁸ Dele extraímos, utilizando a palavra-chave biblioterapia, 184 registros e 07 ao buscar com o termo - atividades biblioterapêuticas. Resultando em: 13 artigos, 01 livro com 2 edições, 03 capítulos de livro, 07 apresentações de trabalho em eventos, 08 entrevistas à rádios ou televisão, 02 bancas de mestrado, 01 de doutorado, 06 orientações de Trabalho de conclusão de curso (TCC).

Na **segunda etapa** ocorreu a construção do instrumento de coleta de dados com 13 questões divididas em três blocos intitulados: a) vivências de Clarice Fortkamp Caldin (04 questões); b) biblioterapia e atuação do(a) bibliotecário(a) (05 questões); c) biblioterapia e formação do(a) bibliotecário(a) (04 questões). Quanto a **terceira etapa**, enviamos as questões no *email* da Clarice Fortkamp Caldin deixando-a gerenciar o tempo conforme fosse necessário; na **quarta etapa** apresentamos a análise e discussão dos resultados. Essa etapa será apresentada na próxima seção.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS: a voz que ecoa de Clarice Fortkamp Caldin nos afeta

Gostaríamos de destacar inicialmente a dedicação, a presteza, a gentileza e o carinho que Clarice Fortkamp Caldin demonstrou ao responder a nossa entrevista estruturada.

O instrumento de coleta de dados, como mencionado é composto por 13 questões e foi respondido na íntegra. Isso demonstra o esforço e profissionalismo da entrevistada. A seguir apresentamos os resultados na mesma estrutura enviada a Clarice Fortkamp Caldin, visando a não interferir na cadência do discurso da Professora e pesquisadora.

Bloco A - Vivências de Clarice Fortkamp Caldin

⁸ O Currículo Lattes da docente foi atualizado em 21 de junho de 2024. Disponível em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?sessionId=0899A316931C9274A29E4A3A8BF1ACC6.buscatextual_0.

Ao apresentar os resultados da entrevista com Clarice Fortkamp Caldin buscamos compreender no bloco A: Quais aspectos motivaram a pesquisadora a adentrar no campo da Biblioterapia; quais desafios encontrados ao iniciar as pesquisas; se mudanças ocorreram desde a fase inicial e existência ou não de profissionais que a influenciou.

O que te motivou a pesquisar sobre biblioterapia?

O caráter técnico da maioria das disciplinas do Curso de Biblioteconomia. A Biblioterapia ajudaria os alunos do Curso a ver que os livros técnicos (apesar de necessários) não deveriam ser a única fonte de leitura; que a leitura Prazerosa, a literatura (com suas peculiaridades como a metáfora, personagens, literariedade) seria benéfica tanto aos alunos quanto ao público-alvo escolhido para vivências terapêuticas, pois permite tanto ao aplicador da biblioterapia como o público selecionado, a catarse, identificação e introspecção.

Comentários das autoras do estudo: Clarice Fortkamp Caldin, por meio de sua resposta, deixa evidente a sua percepção de que a biblioterapia surgiu para ela como uma lembrança da Biblioteconomia não precisar ser só tecnicista. Existe um lado humano e estético na profissão, com possibilidade de corroborar nas próprias atividades técnicas. Ademais, quando o profissional permite vivenciar as nuances da literatura, o possibilita a dar aporte mais seguro e consciente para o seu leitor. Para Clarice Fortkamp Caldin o bibliotecário precisa ir além das atividades técnicas aprendidas em sua formação, precisa desenvolver habilidades para a mediação da leitura literária de modo terapêutico. Conquanto “[...] o discurso se apresente como obra estruturada em que a linguagem privilegia as categorias estéticas [...], o belo, o gracioso, o trágico; a ficção revele um mundo imaginário em que a realidade do texto suplanta [...] a realidade cotidiana”. (Caldin, 2010, p. 93-94).

Você encontrou desafios para começar a pesquisa sobre biblioterapia?

Muitos desafios. Procurei vários Programas de Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - (que não acreditaram no poder terapêutico da leitura literária) e fui logo descartada, sem a possibilidade de um processo seletivo. Até que, enfim, na segunda tentativa, o Programa de Literatura permitiu que eu fizesse as provas e a entrevista e me aceitou. Defendi minha dissertação de Mestrado em junho de 2001, com o título: A Poética da Voz e da Letra na Literatura Infantil (Leitura de alguns Projetos de Contar e Ler para Crianças). Mas a biblioterapia entrou por meios transversais, porque tive de pesquisar e registrar na dissertação: a leitura como função terapêutica, a leitura como função social e a leitura como função pedagógica. E até o último momento (entrega do material escrito e pronto

para a banca) a orientadora ameaçou retirar a leitura como função terapêutica. Outro desafio foi encontrar material bibliográfico para embasar a teoria. Material sobre leitura havia muitos, de diversas áreas do conhecimento. Entretanto, sobre biblioterapia havia dois livros: o de PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: UFPB/ Editora Universitária, 1996, 105 p. e o livro de OUKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996. 341 p. E apenas três artigos em português. Os artigos em inglês eram da década de 1960 e nada tinham a ver com nossa realidade. Tentei a chave-mestra para o fundamento teórico: SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy**: a theoretical and clinical-experimental study. 1949. 344f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley. Adquiri um cartão internacional e tentei comprar pela internet mas estava interdita para a venda. Com isso, a orientadora ficou muito feliz, achando que agora cortaria de vez a função terapêutica da leitura. E exigiu: “ou você consegue essa tese ou nada feito”. Entrei em desespero. Mas nessa ocasião meu irmão estava nos Estados Unidos fazendo especialização em medicina pediátrica, em uma cidade próxima a Berkeley. Com muito boa vontade ele conversou com a bibliotecária da universidade em que estava estudando e ela prometeu conseguir a tese para ele - com um porém: três páginas por dia. Imaginem a dificuldade, em uma tese com 344 f. Assim, a cada duas semanas ele me enviava as cópias das folhas que havia conseguido e eu as apresentava à minha orientadora. Algum tempo depois a bibliotecária permitiu que ele tirasse mais cópias por semana, pois percebeu que seria necessário agilizar o processo. Nesse passo de tartaruga consegui toda a tese. Então, mais um desafio: a orientadora exigiu um tradutor juramentado para traduzir a tese. Eu não tinha dinheiro para isso. Consegui um tradutor formado em Odontologia que traduzia trabalhos de pós-graduação para os alunos da área da saúde e, a muito custo, ela aceitou esse arranjo.

Comentários das autoras do estudo: A persistência de Clarice Fortkamp Caldin é admirável. Ela não apenas enfrentou os desafios tecnológicos daquele período, a burocracia inicial exigida pela referida bibliotecária e sua falta de recursos financeiros. Empenhada em sua pesquisa envolve seu irmão e oportuniza a bibliotecária flexibilizar a oferta da informação. A fala dela inclusive nos faz questionar o motivo de tantas burocracias e o quanto esses empecilhos são desmotivadores. Por qual motivo uma orientadora faz tantas exigências, quando o próprio tema de estudo já era um desafio e incipiente no país? O interesse por algo inovador e diferente, que iria agregar uma nova perspectiva no campo, deveria ser comemorado e incentivado, e não ser algo repleto de problemas. E a bibliotecária limitando o número de cópias por dia? Compreendemos quando existem normas institucionais restritivas, mas o profissional conhecedor da necessidade e a realidade dos sujeitos podem, por vezes, divergir da expectativa institucional, não pode contribuir para esse tipo de comportamento. Diante de tantos desafios enfrentados por Clarice Fortkamp Caldin, questionamos quantas pesquisas, sejam elas de biblioterapia ou não, podem ter se perdido na trajetória acadêmica que, às vezes, já exige muito do pesquisador, e é

ainda mais dificultada por sujeitos com postura desmotivadora. Os desafios apontados por Clarice Fortkamp Caldin representam a descrença do poder da leitura para fins terapêuticos. Gostaríamos de fazer referência ao *Grupo de Leitura Afetiva*, criado em 2022 pelo *Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência de Mastectomizadas* (REMA) que mantém clubes de leitura que “[...] favorecem melhorias significativas na saúde mental e emocional dos participantes. Ao promoverem ambientes de pertencimento e trocas afetivas tornam-se potentes ferramentas de cuidado.” (Freitas, 2025, p.8-9).⁹

Você percebe mudanças com relação a biblioterapia do período em que começou a estudar sobre a temática para os dias atuais?

Sim, as mudanças são muitas. Agora a tese da SHRODES está disponível gratuitamente na internet, assim como tantas outras teses e dissertações do mundo todo. Proliferam trabalhos sobre biblioterapia em várias universidades brasileiras, sendo a maioria artigos e trabalhos de conclusão de curso (TCC). Além disso temos Fóruns, Seminários, Eventos nacionais e internacionais sobre a temática. Alguns dos meus ex-alunos do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC são atualmente professores, seja como autônomos criando cursos de Biblioterapia introdutória e Avançada, seja no curso de Especialização na modalidade EAD em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária, na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). Outros lançam lives e postam no Youtube, Facebook e Instagram os benefícios da leitura literária. Vários livros foram escritos a respeito da biblioterapia clínica (psicólogos) e de desenvolvimento (bibliotecários, professores, e graduados de diversas áreas do conhecimento, como jornalismo, enfermagem, por exemplo).

Comentários das autoras do estudo: Analisando as indicações pontuais de Clarice Fortkamp Caldin fica evidente a sua contribuição teoricamente para formação de bibliotecários e demais profissionais, mas também influenciou grupos e instituições ligadas ao movimento biblioterapêutico no Brasil, em especial na região Sul e Sudeste. A contribuição de Clarice Fortkamp Caldin já ultrapassa os limites da Biblioteconomia, pois pesquisas sobre o tema, são realizadas em outras áreas, como foi informado na nota de rodapé de número 5.

⁹ Pesquisa de mestrado em andamento na Escola de Enfermagem da USP/Ribeirão Preto sob a orientação da Profa. Doutora Marislei Sanches Panobianco, que utiliza entre os autores da Ciência da Informação, Clarice Fortkamp Caldin.

Existe alguma pessoa bibliotecária que influenciou seu olhar para uma atuação efetiva na biblioterapia ou seja, que é uma referência? Comente.

Uma bibliotecária de João Pessoa foi marcante na minha vida: Marília M. Guedes Pereira. Além do livro que publicou em 1996, ela participou de um evento de Biblioteconomia em Florianópolis e deu um curso sobre biblioterapia (não lembro bem a data, mas acredito ter sido em 1998). É uma pessoa maravilhosa, que soube apresentar e defender a biblioterapia para os cegos. Ela esclareceu a escolha do tema cegueira na biblioterapia: na região onde habitava muitas pessoas com deficiência visual. Como bibliotecária do Setor Braille na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, realizou um trabalho pioneiro de biblioterapia, aventando a possibilidade de mais bibliotecas aderirem a essa prestação de serviço aos usuários. Forneceu, no livro, um referencial teórico substancial sobre a situação atual do cego, a biblioterapia, e a proposta de implantação de um programa de Biblioterapia para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas.

Comentários das autoras do estudo: Essa resposta demonstra a gratidão de uma profissional para com a outra e o quanto é importante ter pares de uma mesma área pesquisando a mesma temática, pois isso além de contribuir com reflexões e contextos diferentes, ainda serve como uma inspiração diante de possíveis barreiras.

Bloco B – Biblioterapia e atuação do(a) bibliotecário(a)

No Bloco B buscamos averiguar a percepção de Clarice Fortkamp Caldin quanto o interesse dos bibliotecários(as) brasileiros pela temática Biblioterapia, a necessidade desses profissionais atuarem nessa área e sua opinião a respeito da participação dos mesmos nas práticas biblioterápicas.

Você percebe alguma mudança quanto ao interesse dos(as) bibliotecários(as) brasileiros pelo tema biblioterapia ao longo do tempo que você tem realizado suas pesquisas?

Sim, atualmente está aumentando o interesse dos bibliotecários brasileiros pela temática. Enquanto alunos de graduação, escrevem muito sobre os vários aspectos e alcances da biblioterapia em seus trabalhos de conclusão de curso, que às vezes são transformados em artigos de periódicos na área da Ciência da Informação. E, depois de formados, continuam aprimorando seus estudos, em cursos de pós-graduação, a maioria na modalidade EAD. Muitos praticam sistematicamente a atividade biblioterapêutica, principalmente nas escolas, em parceria com professores. O interessante é que divulgam, disseminam com entusiasmo a biblioterapia, seja nos locais tradicionais como creches, escolas, asilos, seja abarcando outro público, como empresas.

Comentários das autoras do estudo: Nos parece significativo quando Clarice Fortkamp Caldin comenta: às vezes são transformados em artigos de periódicos na área da Ciência da Informação, pois o Trabalho de Conclusão de Curso não tem a mesma visibilidade das teses e dissertações por serem o primeiro exercício de pesquisa dos acadêmicos. Ao mesmo tempo, ficamos felizes em saber sobre as pesquisas científicas acerca de biblioterapia, ainda na graduação, isso nos dá esperança quanto aos bibliotecários e demais mediadores buscarem compreender a temática.

Qual a importância da pessoa bibliotecária na atuação da prática da biblioterapia?

*O (a) bibliotecário(a) é agente, por excelência, da experiência biblioterapêutica. Mas é preciso lembrar que a prática sem a teoria causa muitos transtornos. Assim como uma casa precisa de um fundamento sólido, a biblioterapia também necessita de fundamentação teórica para evitar que desambe para a leitura didática ou para o aplicador da biblioterapia entender que **não é um terapeuta**. Essa é uma luta que travo há anos. Escrevi muitos artigos sobre isso, apresentei várias palestras mostrando a diferença entre o aplicador da biblioterapia e o psicólogo, mas no livro **Biblioterapia: um cuidado com o ser**, primeira edição de 2010 (esgotado) e na segunda edição, lançado em 2024, disponível na loja.uiclap.com e na Amazon, isso fica muito claro. Nessa segunda edição acrescento algumas pesquisas recentes sobre a biblioterapia e aponto como a medicina narrativa vale-se da leitura literária. A pessoa bibliotecária precisa ler muito sobre o tema, estar atento às novas publicações, gostar de literatura e saber que ao praticar a biblioterapia está prestando um serviço ao outro, cuidando do outro. Isso é possível somente se tiver amor pelo próximo, prezar o caráter humano de nossa profissão.*

Comentários das autoras do estudo: É importante a constatação de Clarice Fortkamp Caldin, uma referência na biblioterapia no Brasil, que atuação do bibliotecário nesse campo, não o torna um terapeuta. Para ela a biblioterapia: “Constitui-se numa atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Literatura, a Biblioteconomia, a Educação, a Medicina, a Psicologia, e a Enfermagem.” (Caldin, 2001, p. 67).

Como você pensa a biblioterapia na atuação do(a) bibliotecário(a)?

Bem, essa pergunta é similar à anterior, mas acrescento que a atuação do (a) bibliotecário(a) deve ser permeada de empatia, de preocupação com o bem-estar do outro, tirar tempo para ouvir os problemas reais ou imaginários do outro, oferecer consolo, planejar cuidadosamente que forma narrativa irá

apresentar e como irá apresentá-la, saber que haverá imprevistos, saber contornar esses imprevistos, ficar atento às reações do público. Às vezes será necessário fazer uma adaptação da história (encurtá-la, aumentá-la, modificar o tom da voz, os gestos), fazer todo o possível para que a história encante e produza a catarse, ou a identificação, ou a introspecção. A catarse será sempre visível no momento da vivência terapêutica, mas os outros componentes às vezes precisam ser digeridos lentamente pelo público e talvez não venhamos a saber se foram atingidos. É fundamental que o aplicador da biblioterapia goste da história que escolheu – não poderá apresentar uma produção ficcional que não tocou seu coração – as chances serão pequenas de agradar ao público que perceberá, de imediato, se o leitor, contador ou dramatizador da história está comprometido com ela, se foi seduzido pelo texto, enlevado pelo enredo ou pela atuação das personagens. Acima de tudo, tem de acreditar no potencial da biblioterapia para moderar as emoções, estimular a imaginação e permitir a reflexão.

Comentários das autoras do estudo: Clarice Fortkamp Caldin, ao orientar o aplicador de biblioterapia, informa ser necessário: planejamento, sentimento de empatia, escuta ativa, flexibilidade para o imprevisto, modulação da voz e da emoção. Além da escolha do texto que gosta, e, se necessário, adaptá-lo.

Como o(a) bibliotecário(a) pode contribuir para efetividade da biblioterapia?

Realizando parcerias com pessoas de outras áreas do conhecimento que reconheçam o potencial da literatura e a efetividade da biblioterapia. Apresentar sempre um projeto de suas atividades com um referencial teórico compacto, objetivo geral definido de acordo com as necessidades da instituição, além de dois ou três objetivos específicos (não mais que isso). A experiência que mostrou que por mais que desejemos alcançar muitos objetivos, isso fica inviável na maioria das vezes. Detalhar a metodologia que usará, o tipo de narrativa ficcional, o cronograma. E não esquecer das referências. Em seguida, executar as atividades de maneira sistemática (o ideal é pelo menos seis meses na mesma instituição), sempre valendo-se da empatia, do afeto e do cuidado com o ser. Depois de concluída cada sessão de biblioterapia, registrar suas impressões da atividade e as reações ou depoimentos do grupo em um caderno de campo – assim a avaliação é realizada de forma tranquila, o que permite melhorar esse ou aquele aspecto a cada vivência. Ao término do projeto, escrever um artigo ou capítulo de livro em uma antologia, divulgando o valor terapêutico do livro, da literatura, da biblioterapia.

Comentários das autoras do estudo: Clarice Fortkamp Caldin demonstra sua lucidez, seriedade e responsabilidade ao tratar das práticas biblioterapêuticas. Da mesma forma, ela convoca o bibliotecário a realizar um trabalho sério e responsável baseado em uma fundamentação teórica, com objetivos estabelecido, metodologia explícita e cronograma delineado. Sugere ainda ao bibliotecário executar o seu trabalho sistematicamente, afinal estará lidando com a sensibilidade *de outrem*. Isso

exige alteridade, alteridade no sentido professado por Frei Betto: “[...] ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem” (Betto, 2014). Clarice Fortkamp Caldin complementa apresentando um roteiro bem definido de como o bibliotecário deve realizar a aplicação da biblioterapia, sugere o registro das impressões das sessões, e incentiva novas publicações acerca do tema.

Caso o(a) bibliotecário(a) desenvolva ações de biblioterapia, como deve agir ao identificar algum aluno que precise de ajuda especializada?

Deve providenciar que o aluno encontre ajuda especializada. Falar com o (a) professor (a), diretor (a), terapeuta educacional (se a escola dispor desse profissional) e com a família da criança ou adolescente. Essa ajuda está aquém do que podemos oferecer, tem de ser de profissional da área da saúde. Agir rapidamente ao perceber que a criança ou adolescente está muito deprimido, agressivo, disperso, com sofrimento evidente.

Comentários das autoras do estudo: Novamente Clarice Fortkamp Caldin argumenta sobre o comprometimento profissional, quando sinaliza haver um limite na atuação bibliotecária. O bibliotecário não tem formação adequada e nem é da sua competência lidar com questões psicológicas das pessoas, seja qual for a idade. Nessa situação seu papel é de realizar o encaminhamento para outro profissional ou uma instituição especializada.

Bloco C – Biblioterapia e formação do(a) bibliotecário(a)

No Bloco C as indagações propostas à Clarice Fortkamp Caldin focam a inclusão da disciplina nas grades curriculares nos cursos de Biblioteconomia brasileiros, as possíveis barreiras para isso, os benefícios da biblioterapia nos espaços digitais e a formação adequada para aqueles desejam alcançar o protagonismo como bibliotecário aplicador de biblioterapia.

Você acredita ser necessária a inclusão da disciplina Biblioterapia na graduação de Biblioteconomia? Ou em sua avaliação é uma atribuição de cursos de especialização?



O ideal é que seja incluída na graduação para o aluno sentir o gosto pela teoria e prática da biblioterapia. O grande problema é a carga horária reduzida alocada para a disciplina e a impossibilidade de realizar muitas atividades de biblioterapia (normalmente uma) sem o benefício de acompanhar o público em várias sessões, formar vínculos. Somente quando elabora o Trabalho de Conclusão de Curso com essa temática o graduando vivencia plenamente o que aprendeu. Cursos de especialização são ótimos para fortalecer o entendimento da temática, visto que oferecem mais tempo para estudar o papel da leitura como terapia, a potencialidade terapêutica da literatura, emoção e imaginação e os componentes biblioterapêuticos, bem como executar mais vezes a atividade com o mesmo público. E quase sempre os alunos elaboram um artigo divulgando as atividades. No mestrado e no doutorado explora-se mais a biblioterapia, quase sempre realizando um estudo de caso com um excelente embasamento teórico, que podem gerar um bom livro. Atualmente tenho visto, nesses cursos, estudos bibliométricos sobre a biblioterapia – isso não me agrada muito.

Comentários das autoras do estudo: A resposta de Clarice Fortkamp Caldin nos faz perceber como, apesar da graduação de Biblioteconomia possibilitar ao profissional trabalhar em diversas frentes de atuação, ainda segue com lacunas de formação básica. O que impacta em novos estudos e aprofundamentos de temática, especialmente se o discente não teve contato com a biblioterapia ainda na graduação, as chances de desenvolver uma pesquisa na pós-graduação ou interesse de atuação nesse campo, são menores.

Em caso positivo, qual a principal barreira para que os cursos de Biblioteconomia possuam disciplinas voltadas para a biblioterapia?

A falta de professores que abracem essa ideia, o preconceito que ainda existe sobre a biblioterapia de desenvolvimento (arte). Esquecem que na UFSC, assim como em outras universidades, existe o entrosamento entre arte e ciência, ambas necessárias ao ser humano. Como a biblioterapia de desenvolvimento é descritiva e qualitativa, e a maioria dos professores gosta de trabalhar com números para dar mais credibilidade ao trabalho, existem alguns alunos que se voltam para a bibliometria da biblioterapia, para dar um status de ciência ao seu TCC ou dissertação.

Comentários das autoras do estudo: Ao responder sobre haver ou não desinteresse e preconceito por parte de professores de Biblioteconomia em ofertar disciplinas abarcando práticas biblioterápicas, Clarice Fortkamp Caldin descortina a realidade e aponta para falta de pesquisas nessa temática. Clarice Fortkamp Caldin também afirma que quando há interesse pela biblioterapia, o foco é nos estudos métricos. Em entrevista para Carla Sousa, Clarice Fortkamp Caldin derruba preconceitos quando aponta outras pessoas, além dos/as bibliotecários/as, para atuar

na biblioterapia de desenvolvimento por exemplo: “[...] professores, mãe, tia, avó [...] qualquer um que ame ler ou contar histórias [...]” (Sousa, 2018, p. 350). Comenta também que [...] a maioria dos preconceitos é decorrente do fato deles acharem que a gente vai lá para curar algo. [...]. Eu sempre enfatizo que não é uma cura, é um cuidado. (Sousa, 2018, p.350). Dessa forma, erigir a biblioterapia como área temática, ainda precisará de acordos e pesquisas e isso, possivelmente, mudaria seu *status* no campo da ciência.

Na sua perspectiva, é possível proporcionar os benefícios da biblioterapia a partir de caminhos digitais, a exemplo das redes sociais?

Sim, é perfeitamente possível. A pandemia alavancou essa modalidade e deu certo. As pessoas não se sentiam solitárias, mesmo que morassem sozinhas e perdessem o contato com os parentes e amigos. No Youtube temos muitos vídeos e lives que iniciaram nesse período e continuam até hoje, com sucesso. No Instagram, Facebook e Spotify as pessoas continuam se conectando em torno da biblioterapia. Existem cursos e clubes de biblioterapia on-line. Mas, para mim, falta o principal, o contato humano, o abraço, que somente as atividades presenciais podem proporcionar.

Comentários das autoras do estudo: É nítida a avalanche de iniciativas virtuais ao redor da literatura na e pós-pandemia. Muitas delas persistem com altos picos de audiência, a socialização via mídias digitais não é uma pulsão passageira. Evidentemente que o tempo dedicado a presença nas redes sociais, muitas vezes rouba o espaço de trocas presenciais, mas a partilha de saberes (todos os gêneros) é quase automática, em especial, por meio da oralidade, forte característica do povo brasileiro. Concordamos com Clarice Fortkamp Caldin, o contato presencial tende a ser mais afetivo.

Você acredita que é possível encontrar a formação adequada no Brasil para quem deseja atuar com a biblioterapia?

Não digo que temos o ideal, mas temos o essencial. Muitos ex-alunos dos cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação não permitiram que a biblioterapia se extinguísse no Brasil. Pessoas de outras áreas também estão se comprometendo com a biblioterapia, desenvolvendo cursos, seminários, participando de eventos. Por exemplo, em 2023 aconteceu o I Fórum de Biblioterapia no Brasil, evento híbrido, com a participação de pessoas de diversos estados brasileiros e de Portugal. A biblioterapia está avançando, vendo novos caminhos, realizando parcerias com colegas de áreas afins com a Biblioteconomia. Enquanto houver leitura afetuosa, literatura cativante,

alguém disposto a doar seu tempo, esforço e amor em prol do Outro, a biblioterapia não morrerá.

Comentários das autoras do estudo: A resposta de Clarice Fortkamp Caldin tem um tom muito otimista, e isso nos alegra. Em seu discurso a Professora revela a existência do movimento Brasil e Portugal em prol da biblioterapia. Movimento que na nossa percepção é resultado de esforços de pessoas comprometidas com o acolhimento e afeto humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A biblioterapia é um conjunto de ações que utiliza a literatura como importante *lócus* de desenvolvimento de mecanismos que tendem a promover o bem-estar físico e mental, mas ainda não é muito conhecida pela sociedade. Desenvolvida por equipe multidisciplinar especializada, propicia a socialização, o conforto e o apoio para resolução de problemas dos seres humanos em suas diferentes faixas etárias, condições socioculturais. Dentre os profissionais capazes de executar essa prática terapêutica com maior preparo profissional por meio da mediação de materiais bibliográficos é a pessoa bibliotecária. No entanto, o bibliotecário como aplicador de biblioterapia tem que aprofundar seus conhecimentos, bem como sensibilidade para detectar as dores e conflitos explicitados na interlocução com seus ouvintes, entre outros aspectos.

Nosso interesse ao evidenciar as concepções de Clarice Fortkamp Caldin e sua trajetória era instigar prática e pesquisa sobre a biblioterapia. Porém, nos apropriar dos conhecimentos de Clarice Fortkamp Caldin apenas pela leitura de suas obras nos pareceu limitante. Em decorrência, optamos pela entrevista, e nessa oportunidade ela nos proporcionou alcançar matizes do seu pensamento/entendimento. Isso nos levou a compreender, de forma pulsante sua percepção quanto as atividades biblioterapêuticas. Agradecemos a oportunidade dada pela pesquisadora, pois mesmo estando em recuperação de um tratamento médico na mão, respondeu as questões propostas a ela. Assim como, agradecemos a Marília M. Guedes Pereira pela fonte de inspiração inicial quando na década de 1990 impulsionou esse trajeto, trajeto este, ainda em construção.

Ao término do estudo podemos observar as oscilações na quantidade (não foi possível colocar dados da tese da Pamela, pois ainda não qualificou) de pesquisas acerca do tema na Ciência da Informação. O papel do bibliotecário ainda não é devidamente valorizado na aplicação da biblioterapia. Quando o profissional se envolve em equipe dedicadas à biblioterapia demonstra a ampliação do seu trabalho que irradia além da administração de bibliotecas e assume um papel fundamental no desenvolvimento de ações terapêuticas através de leituras que contribuam para a qualidade de vida de quem a recebe.

À título de encerramento, vale reforçar a influência de Clarice Fortkamp Caldin, que sempre será, uma referência acadêmica para os aplicadores da biblioterapia. Não esgotamos o assunto e destacamos a necessidade de permanecer atentos as novas reflexões teóricas, mas também reforçar o alerta aos bibliotecários realizadores de práticas biblioterapêuticas: que eles devem trabalhar em equipe multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. **Alteridade**. São Paulo, 11 jul. 2014. Disponível em: <https://www.freibetto.org/alteridade/#:~:text=%C3%89%20ser%20capaz%20de%20a%20preender,sei%20e%20ensino%20para%20ele>. Acesso em: 27 ago.2025.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A Poética da voz e da letra na literatura infantil** (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). Dissertação (Mestrado em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/81866>. Acesso em: 20 dez. 2025.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia**, São José, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>. Acesso em: 23 jul. 2025.

CALDIN, Clarice Forkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. 2. ed. São Paulo: Porto de Ideias, 2024.

CAVALCANTE, Lidia Eugênia; BARRETO, Damaris; SOUZA, Laiana. **Mediações de leitura: o ato de ler que nos conecta**. Fortaleza: Edições Pausa, 2020.

COSTA, Larissa Santos da. A produção científica sobre Biblioterapia: uma análise bibliométrica e estatística na Brapci. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 21, n. 2, p.74-84, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/19683/11492>.



Acesso em: 31 dez. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRIEGER, Leila Rosangela; PIZZARO, Daniella Camara. A Biblioterapia como disciplina nos cursos de graduação em Biblioteconomia do Brasil: uma possibilidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 28, n. 4, p. 1-24, jan./dez. 2023. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/2102>.

KARNAL, Leandro. Livros vitais e a vida dos livros [Apresentação]. In: GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Claret, 2017. p. 7-11.

MUSEU DA PESSOA. **Personagem**: Marília Guedes Pereira. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/marilia-pereira---pessoas-com-deficiencia-visual-minha-bandeira-de-luta/>. Acesso em: 27 ago.2025.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Universitária, 1996. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/biblioterapia-marlia/6830851#9>. Acesso em: 27 dez. 2025.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes; WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro R. **Bibliomar**, São Luís, v. 20, n. 2, p. 88-112, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/17997/9992>. Acesso em: 27 dez. 2025.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: Habitus, 2006.

SILVA, Wilton Pereira da; PINHEIRO, Edna Gomes. A face oculta da biblioterapia na biblioteca universitária: os ditos e os não ditos dos bibliotecários da Biblioteca Central da UFPB. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Cruesp, 2008. p. 1-16. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4261>. Acesso em: 5 set. 2025.

SOUSA, Carla. Clarice Fortkamp fala da sua dedicação à Biblioterapia e da importância do tema para a Biblioteconomia. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 347-353, abr./jul. 2018. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1502>. Acesso em: 27 dez.2025.

